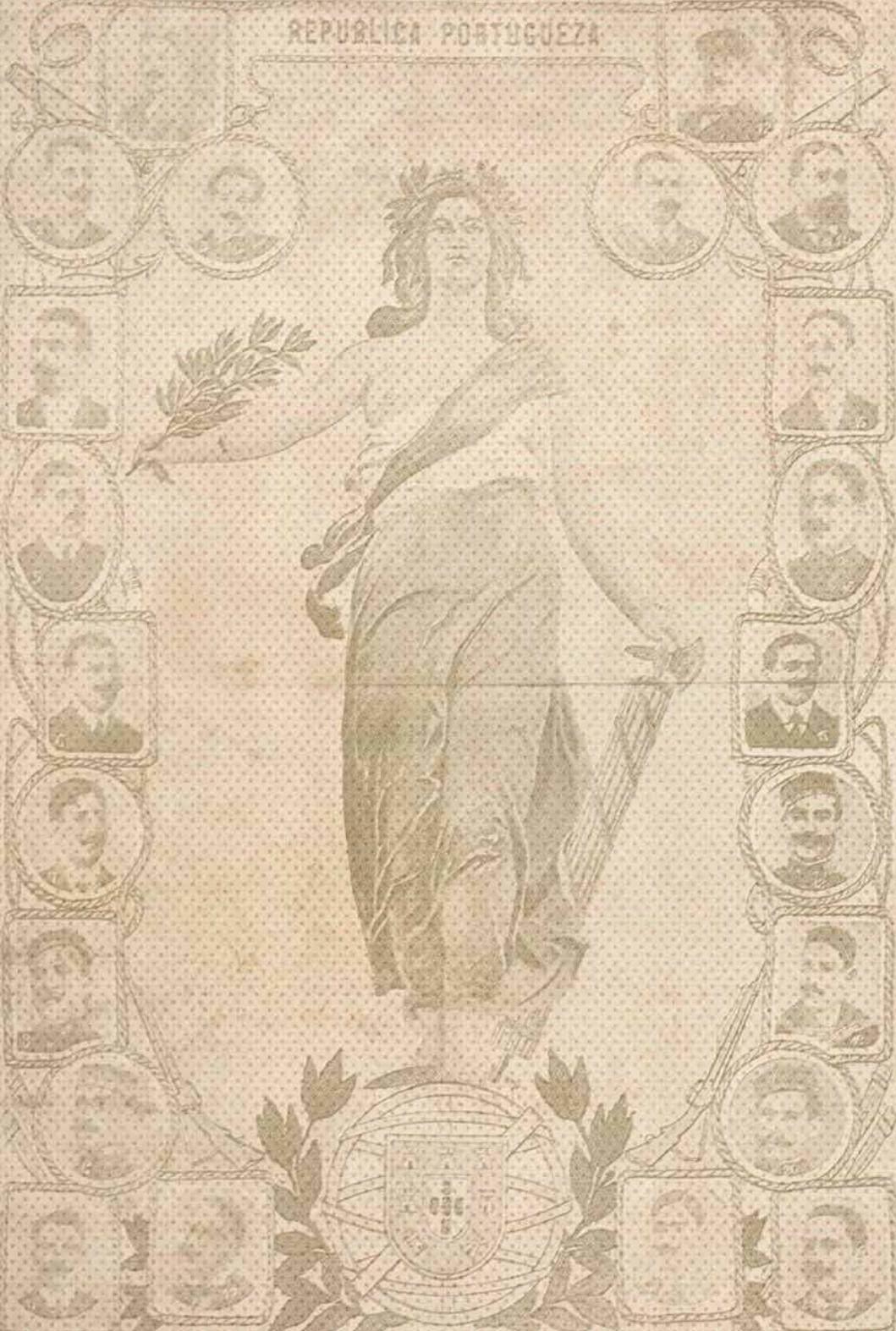


The image features several ornate picture frames. A large silver frame with intricate floral and leaf carvings is positioned on the left and top. A smaller, highly detailed gold frame is nested within it, also featuring floral motifs. In the bottom right corner, a small portion of another silver frame is visible. The background is a light-colored surface with a fine, repeating dot pattern.

arquivo
municipal
cadernos

Nº 3

REPÚBLICA PORTUGUEZA



A implantação da República em Évora

A história do republicanismo em Évora fez-se com a determinação, o querer, a abnegação de muitos que aqui tendo nascido ou feito parte da sua vida no concelho ansiavam por ver instalado um novo regime político que liquidasse em definitivo a monarquia.

"Évora e a Implantação da República", pretende fazer uma retrospectiva dos principais acontecimentos vividos na cidade neste período, revelar como se iniciou a industrialização, tão temida pelos grandes senhores, a explosão do comércio e dos serviços, em tempo de mudança, e sua repercussão na sociedade e na cultura do Alentejo.

//Cronologia dos acontecimentos em Évora (1880-1915)

1880

A 10 de Junho realizam-se celebrações nacionais do 4º Centenário da Morte de Camões. O governo monárquico progressista que havia mostrado pouco empenho na sua organização deixa cair a organização nas mãos de elementos republicanos. Os festejos tiveram extraordinário impacto popular com grandes cortejos cívicos nas principais cidades do país onde se registaram incidentes e ouviram agravos contra a realeza e os partidos rotativistas mas foi em Évora que os mesmos tomaram proporções inusitadas.

Segundo o "Monitor Transtagano" passaram-se nesse dia «cenas de selvajaria na sequência de divergências graves entre cidadãos e oficiais do Regimento de Cavalaria 5», que começaram com bofetões e socos dos militares e acabaram com a resposta dos populares, em muito maior número. No meio da arruaça o governador civil, o comissário da polícia e alguns oficiais de Cavalaria 5 são agredidos e arrastados na onda de exaltação popular.

A 13 de Junho, no rescaldo dos acontecimentos, o Ministério da Guerra transferiu o Quartel General para Estremoz e o Regimento de Cavalaria 5 para Vendas Novas. "O Monitor" comentava dias depois : « Nós estigmatizamos estes factos (...) que não são nem progressistas nem democratas, porém socialistas ou demagogistas (leia-se republicanos) o que nos leva a uma situação mais intolerável do que se pertencêssemos a um país de bárbaros».

A 30 de Junho uma delegação composta por José de Sousa Matos, José Maria Ramalho Perdigão, Manuel Paula de Rocha Paula Viana e Abel Martins Ferreira, gente influente do concelho, desloca-se a Lisboa para apresentar ao governo um pedido de desculpas e pedindo a revogação de ambas as decisões uma vez que a saída daquelas unidades da cidade acarretava uma perda anual de 100:000\$00 e porque, como garantia o "Monitor", «os díscolos pertenciam à plebe- porque o povo propriamente dito é prudente e digno». A situação foi reposta em meados do mês seguinte.

1881

Em Janeiro é criado na Rua do Capado, um pequeno centro republicano para apoiar a primeira candidatura do partido às eleições municipais, feita na pessoa de Joaquim Henrique da Fonseca, médico e distinto reitor do Liceu de Évora.

A 21 de Agosto realizam-se as eleições municipais no Círculo 114 que abrange os concelhos de Évora, Portel e Viana. No caso de Évora, embora fique longe dos 2.262 votos recebidos pelo candidato governamental monárquico, Joaquim Henrique da Fonseca obtém 117 votos, cotando-se na segunda posição. O pequeno centro, local embrionário da presença efectiva dos republicanos no concelho é posteriormente desactivado.

1883

Em data indeterminada instala-se temporariamente em casa de Bernardo de Matos, na rua que há-de vir a ter o seu nome, o Centro Eleitoral Democrático Eborense, para apoio dos candidatos republicanos aos actos eleitorais desse ano.

1887

Em Dezembro é criado o Centro Republicano Federal Eborense no nº. 90 da Rua do Raimundo, presidido por Pereira de Macedo Júnior. Teve aulas de instrução primária, francês e desenho. Desconhece-se a sua duração que não foi muito longa.

1888

A 19 de Abril Domingos António Gomes Percheiro, antigo militar e jornalista, republicano e amigo de João de Deus, Antero de Quental e Teófilo Braga, adquire a propriedade do "Diário do Alentejo", primeiro periódico do género na região a ter como director um republicano.

A 26 de Abril Uma semana após ter comprado o referido periódico, Domingos Percheiro é alvo de um atentado e de madrugada a redacção é assaltada quando este procedia à revisão do jornal. Preso durante 10 horas é depois entregue ao poder judicial acabando por ser solto sob fiança.

1895

É criada a Associação das Classes Construtoras e Artes Auxiliares .

1897

A 19 de Setembro entra em publicação "A Lucta", semanário manuscrito e copiografado, assumidamente republicano, de «menores e empregados de comércio» cujo director político J. Roberto da Silva se encarrega em vários números de desancar o governo e a fazenda pública. Alvo de uma tentativa de agressão e de diversas querelas movidas em tribunal a publicação acaba por ser interdita pelas autoridades.

1899

A 20 de Abril é suspenso compulsivamente, na sequência da prisão do seu director, Manuel Vicente Ventura, o bi-semanário "A Rabeca", ligado à facção socialista anarquista do republicano Azedo Gneco. Ligado ao movimento anticlerical dos Círios Civis, o jornal e o director haviam caído em desgraça junto das autoridades locais e do Arcebispo de Évora pelo que ambos foram querelados e condenados.

1900

A 8 de Setembro é fundado o diário local "Notícias d' Évora", ligado primeiro ao Partido Progressista e depois ao Partido Regenerador- Liberal e que após a proclamação da República se veio a tornar no seu principal inimigo. Ainda hoje permanece como o mais longo jornal eborense, apenas encerrado em circunstâncias diversas em 1991.

A 5 de Dezembro um grupo de operários apaixonados pela cultura musical funda na rua Pedro Simões o Grupo Operário Recreativo Joaquim António de Aguiar que a partir de 1912 passa à condição de Sociedade.

1902

Circula em Évora o primeiro automóvel, pertença do grande proprietário, lavrador e banqueiro, conselheiro José António de Oliveira Soares.

1904

Começa a publicar-se como semanário independente "A Voz Pública" que tem como director o médico republicano Evaristo Cutileiro.

1905

A 15 de Janeiro Evaristo Cutileiro adquire a propriedade de "A Voz Pública " que fica com o subtítulo de Semanário Republicano e suspende por algum tempo devido a problemas de saúde do seu proprietário.

1906

A 25 de Novembro em casa do cidadão Francisco d' Almeida Telles do Valle é criado o Centro Republicano Eborense que se virá a integrar no Centro Republicano Democrático Liberdade e cuja sede se virá a implantar na rua da Freiria de Baixo 18.

A 10 de Novembro o Partido Republicano concorre pela primeira vez às eleições para a Santa Casa da Misericórdia apostando na manutenção do Cônego Bernardo Chouzal como provedor mas lançando uma lista em que candidata Evaristo Cutileiro a vice – presidente e António dos Santos Cartaxo Júnior, Francisco d' Almeida Telles do Valle, Romão de Carvalho Marquez, José de Paulo Costa e António Joaquim dos Santos como mesários.

1907

A 16 de Março "A Voz Pública " muda a sua anterior redacção da rua João de Deus para a sede do partido na Rua da Freiria de Baixo e retoma a sua publicação passando a sair duas vezes por semana.

A 25 de Maio é eleita a primeira Comissão Municipal Republicana presidida por Evaristo Cutileiro.

1908

A 11 de Abril realizam-se eleições para deputados. A surpresa esteve prestes a acontecer pois o candidato republicano Evaristo Cutileiro ganha no concelho mas perde no distrito.

A 26 de Agosto efectua-se um grande comício republicano no chamado quintalão da rua de Machede em que participam Afonso Costa e Bernardino Machado. A jovem Ana Laura Chaveiro Calhau, com apenas 16 anos, é a primeira mulher eborense a falar num comício político.

1909

A 27 de Fevereiro o Grupo Juventude Republicana, criado no ano anterior fixa em definitivo a sua sede na rua de Machede, 8 A.

1910

A 6 de Janeiro tem lugar em Machede uma grande sessão de propaganda em que falam José Joaquim Mocho, presidente da respectiva Comissão Paroquial, Francisco Martinho Pereira e diversos dirigentes concelhios.

A 14 de Agosto grande comício, às 5 da tarde, na Praça das Mercês em apoio dos candidatos pelo círculo às eleições legislativas : Júlio do Patrocínio Martins, Carlos Amaro, Inocêncio Camacho Rodrigues e Afonso do Prado Lemos. De manhã tinham ocorrido comícios também em Azaruja e Machede.

A 28 de Agosto têm lugar as eleições legislativas. Os republicanos ficam a escassos 91 votos do partido governamental.

A 5 DE OUTUBRO é implantada a República que é recebida com grande regozijo e entusiasmo em Évora. Nos dias seguintes é nomeado o novo governador civil Estevão Pimentel e a nova Comissão Executiva da Câmara de Évora, presidida por Júlio do Patrocínio Martins.

A 1 de Dezembro celebra-se em Évora, como no resto do país, o dia da Bandeira.

1911

É constituída a Associação de Classe dos Trabalhadores Rurais de Évora.

A 2 de Abril a Câmara Municipal de Évora aprova o regulamento concelhio da Lei do descanso semanal.

A 1 de Maio celebra-se pela primeira vez em Portugal o Dia do Trabalhador. Nas comemorações celebradas em Évora e por proposta da Associação de Classes de Construção Civil e Artes Auxiliares é determinado que a Praça de D. Manuel, (Largo de S. Francisco), assim designada desde 1879, passe a chamar-se Praça 1º. de Maio.

A 28 de Maio realizam-se eleições para a Assembleia Nacional Constituinte. Júlio do Patrocínio Martins e Inocêncio Camacho Rodrigues são eleitos por Évora.

1912

Nos primeiros dias do ano está confirmada também em Évora, a cisão no Partido Republicano Português. Este fica bastante desfalcado pois muitos dos seus membros aderem ao Partido Republicano Evolucionista e um pequeno número ao Partido Unionista.

A 6 de Janeiro rebenta a greve geral dos trabalhadores rurais que se estenderá por cerca de duas semanas e alargará por solidariedade aos sindicatos de Lisboa e sul do Tejo.

A 3 de Abril D. Augusto Eduardo Nunes, Arcebispo de Évora, é exilado por dois anos para fora da diocese, por críticas continuadas à Lei da Separação da Igreja e do Estado.

A 8 de Julho começa a ser desmantelada uma ramificação local afecta a uma incursão monárquica intentada na zona norte por Paiva Couceiro.

A 25 e 26 de Agosto tem lugar em Évora o I Congresso dos Trabalhadores Rurais

1913

A 9 de Setembro morre no Sanatório da Covilhã Evaristo Cutileiro, a figura maior de republicanismo em Évora. O corpo é trazido para Évora tendo-se incorporado no seu funeral mais de cinco mil pessoas.

De 19 a 23 de Outubro reúne em Évora o I Congresso da Classe Corticeira

A 7 de Dezembro realizam-se eleições para a Junta Central e para a Câmara Municipal. Contra todas as expectativas o Partido Republicano Português, agora dito Democrático, vence o Partido Republicano Evolucionista entrando este a partir daí em acentuado declínio.

1914

A 7 de Julho o desconhecido António Maria da Costa Moura Augusto passa a presidir à Comissão Municipal Republicana.

A 17 de Setembro é criada a Escola Industrial da Casa Pia de Évora.

A 21 de Setembro populares assaltam e incendeiam as instalações do “Notícias d’ Évora” por suspeitas de colaboracionismo nas tentativas monárquicas de derrube do regime.

1915

A 24 de Agosto reúne pela primeira vez a comissão organizadora de “A Pátria – Companhia Alentejana de Seguros.

//A Organização Republicana

A organização republicana em Évora só começou a ganhar verdadeira dimensão a partir da criação do jornal "A Voz Pública". Os republicanos não se contentavam porém com o carácter moderado que "A Voz Pública" enquanto publicação independente não desejava ultrapassar. O seu principal proprietário, Domingos Silva recusava a hipótese de uma intervenção mais directa e acutilante por reacear a intervenção das autoridades e aquele ser o seu modo de vida.

Com Evaristo Cutileiro em tratamento em Lisboa mas sempre atento ao que se passava em Évora, os seus correlegionários Romão Carvalho Marquez, José de Paula Costa, Francisco Maria Nunes, António dos Santos Cartaxo Júnior e Francisco d' Almeida Telles do Valle, encontram-se na casa deste último e fundam a 25 de Novembro de 1906, o Centro Republicano Eborense. Do facto informam o Directório do Partido, Evaristo Cutileiro e O Centro Republicano Democrático Liberdade fundado na cidade pouco dias antes, e já organizado mas ainda não domiciliado, oferecendo-lhe «incondicional apoio e cooperação». Em resposta o Centro Democrático Liberdade convida os fundadores do Centro Eborense a reunirem em assembleia geral do Partido nesta cidade, «a fim de se proceder quanto antes às eleições das juntas de paróquia, e da comissão municipal republicana deste concelho».

Em Janeiro de 1907, Evaristo Cutileiro, entra em negociações com Domingos da Silva, adquire-lhe a propriedade de "A Voz Pública" e respectivo material e acrescenta-lhe o subtítulo de Semanário Republicano mudando-lhe a localização da Rua João de Deus para a Rua da Freiria de Baixo, 18.

Dispondo de um centro político onde reunir os seus membros e um jornal para propaganda da sua actividade, o Partido Republicano local vai aproveitar o resto do ano de 1907 para consolidar as suas estruturas internas. Em Maio será eleita a primeira Comissão Municipal Republicana.



//O 5 de Outubro e os dias seguintes no concelho

A notícia da proclamação da República em Lisboa chegou a Évora ao princípio da tarde, através de um telegrama enviado de Lisboa que nomeava, Estevão da Cunha Pimentel, director da "Voz Pública" para novo governador civil do distrito, em representação do novo regime político que depusera a velha e decrépita monarquia. Os empregados telégrafo-postais, como na época eram designados, que deixaram o serviço por volta dessa hora (12.38) para almoço, correram à desfilada pela cidade a anunciar a boa nova, recebida em delírio pela maioria da população.

O comércio já não reabriu da parte da tarde e pouco depois era distribuído um comunicado, impresso na Tipografia Moderna, do seguinte teor:

//Ao Povo

Por notícias de Lisboa de que não é possível duvidar, está proclamada a REPÚBLICA PORTUGUEZA.

A Comissão Municipal Republicana d' Évora, com a sua calorosa saudação ao povo desta briosa cidade, junta a sua mais instante recomendação para que neste momento de extrema effervescência em que se surge uma nova era para o paiz, mantenha a máxima cordura, não permitindo alterações da ordem, se por acaso alguém tentar provocal-as.

Assim convem á Pátria.

Assim convem ao Povo.

//Viva a Republica!

Também os operários não compareceram ao trabalho no período vespertino para poderem saudar livremente, mas devidamente acompanhados pelos mais conhecidos elementos republicanos, a vitória de um movimento que prometia lançar o país num novo tempo de progresso e fraternidade. Entretanto, na Praça Joaquim António d'Aguiar, o Grupo de Artilharia de Montanha fez uma salva de obuses em sinal de regozijo enquanto a banda de Infantaria 4 tocava no quartel general dirigindo-se depois para a Câmara onde se juntou à banda da Casa Pia. Ao fim da tarde a banda dos Amadores de Música andou pelas ruas da cidade, tocando a Portuguesa. Só à noite, para se ser mais exacto, à 1 da madrugada do dia seguinte, chegaram à cidade o governador civil nomeado, Estevão Augusto da Cunha Pimentel e o médico Júlio do Patrocínio Martins, presidente da Comissão Municipal Republicana, que foram entusiasticamente recebidos por uma multidão que a pé firme os aguardou na Praça de Giraldo. Da janela do cidadão Francisco d' Almeida Telles do Valle foram então proferidos inflamados discursos de grande fé e crença num futuro mais próspero e de menos desigualdade entre as pessoas.

Nesse dia de sexta-feira, ainda marcado por manifestações esfusiantes dos populares, apenas se verificou a tomada de posse de Estevão da Cunha Pimentel do cargo de governador civil. No sábado, pela uma da tarde, Pimentel rumou aos Paços do Concelho como representante do Governo Provisório, para conferir, por sua vez, posse à respectiva comissão administrativa, segundo as instruções enviadas pela Comissão Municipal Republicana.

//Lápide existente na Praça do Giraldo



//Cinco protagonistas à procura de um novo regime



Evaristo José Cutileiro, nasceu em Évora a 19 de Novembro de 1864. Formou-se na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa. Em Évora chegou a chefe do partido e membro fundador do Centro Republicano Democrático Liberdade. Jornalista de invulgares qualidades e recursos ajudou a criar o periódico "Voz Pública".



Júlio do Patrocínio Martins, o primeiro presidente republicano do município eborense nasceu em 1878 na freguesia de Casa Branca no concelho de Souzel. Depois de se ter formado em Medicina pela Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa em 1907 veio para Évora onde se inscreveu no Centro Republicano Democrático Liberdade. Foi redactor principal e director de "A Voz Pública" e deputado eleito à Assembleia Nacional Constituinte em 1911.



Inocêncio Joaquim Camacho Rodrigues teve uma relação relativamente efémera com Évora apesar de ter sido candidato às eleições legislativas de 28 de Agosto de 1910 por Évora. Foi ele quem fez da varanda da Câmara Municipal de Lisboa a proclamação e identificação do Governo Provisório da República.

Pelo círculo de Évora foi eleito para deputado à Assembleia Nacional Constituinte. Até 1915 ganhou sempre o lugar de deputado enquanto candidato pelo círculo de Évora. Em 1920 chegou a Ministro das Finanças.



Estevão Augusto da Cunha Pimentel, primeiro governador civil republicano do concelho é uma personagem cujo percurso de vida é de difícil reconstituição. Ignora-se quando e onde nasceu sabendo-se contudo que descendia de uma família abastada e nos estudos chegou ao bacharelato. A sua presença na vida pública eborense é detectada em 1906 quando o seu nome aparece ligado ao processo de instalação da Central Eléctrica e da rede de distribuição em Évora. Em 1909 é nomeado director da "Voz Pública". No dia 5 de Outubro de 1910, é nomeado governador civil de Évora, cargo que mantém até 16 de Agosto de 1911. É então eleito Presidente da Assembleia Geral do Centro Republicano Democrático Liberdade.



Ana Laura Chaveiro Calhau, foi a primeira mulher do concelho a assumir publicamente a sua condição de republicana. Nasceu na freguesia de Igreja Nova em 1892. Apenas com 16 anos, discursou no grande comício republicano. Foi a principal impulsoradora da Comissão de Mulheres Republicanas Eboreses.

//A bandeira portuguesa e as mulheres Eborenses

Vitoriosos a 5 de Outubro os republicanos pretenderam desde logo romper com o passado monárquico do país. Isso tornou-se evidente com a imediata e radical substituição dos anteriores símbolos nacionais ou seja, da bandeira e do hino.

Dez dias após a proclamação da República foi formada uma comissão composta pelo escritor Abel Botelho, Columbano Bordalo Pinheiro, João Chagas e Ladislau Pereira para tratar da escolha do novo estandarte português com carácter de celeridade

Tomada a decisão o governo deu ordem à Cordoaria Nacional para as fabricar em grande escala pois era seu desejo que fossem hasteadas em todas as repartições públicas do território no dia 1 de Dezembro, feriado a criar nesse dia como Dia da Bandeira. Mas porque a data estava muito próxima, a empreitada era de vulto e os meios de distribuição não eram fiáveis quanto ao cumprimento dos prazos de entrega um grupo de mulheres republicanas eborenses entenderam tomar a seu cargo a confecção da bandeira e oferecê-la ao município.

Claro que o executivo camarário aceita «muito penhoradamente» a oferta e marca para o dia 30 de Novembro, pelas 19 horas o acto a que confere grande solenidade. A entrega da bandeira ao presidente Dr. Júlio do Patrocínio Martins, que agradece muito sensibilizado, é feita por Judith Andrade, directora da Associação Filantrópica Academia Ebo-rense.

//Grupo de mulheres republicanas que ofereceu ao Município uma bandeira por elas confeccionada, a qual foi içada no dia da Bandeira (1 de Dezembro de 1910) no Rossio de S. Brás e depois nos Paços do Concelho.



//A partidarização do regime

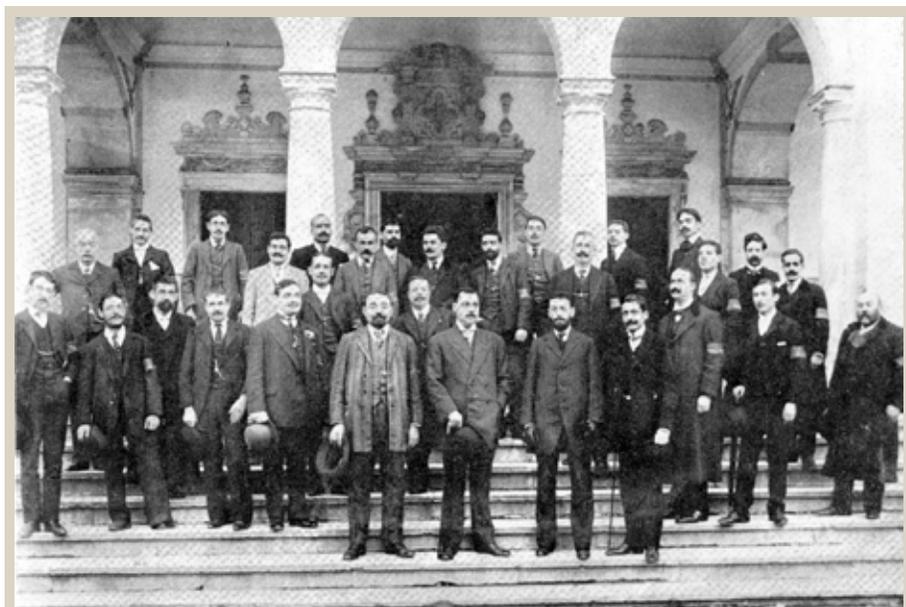
Quando se falou da génese e desenvolvimento do Partido Republicano em Évora deixou-se perceber que estávamos em presença de uma formação que não possuía uma ideologia política consolidada nem assentava em estratos sociais muito bem definidos que internamente lhe conferissem coesão e consistência.

As divergências e as clivagens começaram com as eleições para a Assembleia Nacional Constituinte (ANC) encarregada de proceder à elaboração da nova lei fundamental do país e eleger o primeiro presidente da nova república.

E em Évora como se alinharam os republicanos locais? Bem, os chamados históricos, com algumas poucas exceções, aderiram quase todos ao Partido Evolucionista, que abriu o seu próprio espaço de reunião, debate e convívio (Centro Republicano Evolucionista) na Rua João de Deus, 61, antiga sede da Sociedade Operária Joaquim António d'Aguiar. As melhores cabeças republicanas, dizia-se, tinham ido engrossar as suas fileiras, entre as quais o primeiro presidente do município, o médico Júlio do Patrocínio Martins, por ter sido eleito deputado por Évora à Assembleia Nacional Constituinte.

Um dos que não se transferiu de imediato para o partido de Almeida embora a ele tenha aderido mais tarde já em Lisboa foi Evaristo da Cunha Pimentel, primeiro governador civil. Militante fiel continuou a ser o refundador do Partido Republicano, Evaristo Cutileiro.

//Grupo de republicanos reunidos no Colégio do Espírito Santo (Liceu) no dia da comemoração do 1º aniversário da Implantação da República. A grande maioria ingressaria mais tarde no Partido Evolucionista.



//A conjuntura Monárquica de 1912 desmontada pela Carbonária

A violência anticlerical, a Lei da Separação da Igreja do Estado, o monopólio do poder por banda do PRD e as ameaças, depois concretizadas, de desinteligências sérias no seio deste, convenceram alguns monárquicos que estavam criadas as condições para que o novo regime, ao mínimo abanão, se desmoronasse por completo. Entre estes encontrava-se o capitão Henrique Mitchell Paiva Couceiro, refugiado na Galiza, o qual ultrapassou a fronteira à frente de um grupo de homens armados tentando espreitar a apatia dos monárquicos e provocar uma insurreição geral, mesmo uma guerra civil se o desenrolar dos acontecimentos o viesse a exigir.

A inclusão de Évora no rol dos locais onde a sedição deveria ter lugar causou estranheza, mas o motivo veio a ser apurado quando dias depois alguém recordou que Paiva Couceiro havia sido transferido de Lisboa para o cargo de Adjunto da Inspeção do Serviço de Artilharia, instalado na cidade onde travou conhecimento com muitos militares aqui em serviço e civilmente se aproximou do Partido Regenerador Liberal. A população da cidade só teve conhecimento daquilo a que chamou o "complot monárquico" quando se viu confrontada com as primeiras prisões, acontecidas a 10 de Julho.

A onda de prisões prosseguiu quotidianamente durante cerca de uma semana e abrangeu perto de 30 pessoas entre civis e militares. As armas e as munições desviadas de algumas unidades militares foram habilmente escondidas no Largo da Porta de Avis.

//Foto: Autor desconhecido

Largo de Aviz, onde foram descobertas as armas desviadas dos quartéis



//Velhos e novos títulos na imprensa local

A implantação da República veio a implicar uma grande remodelação do projecto do "Notícias d'Évora", diário fundado em 8 de Setembro por iniciativa do cônego Alfredo César de Oliveira e do notável filantropo Francisco Eduardo Barahona.

A 5 de Outubro de 1910 a publicação suspende a sua saída para regressar como propriedade da empresa Carlos Pedrosa e C^a no dia 8 do mesmo mês, assumindo este as funções de administrador e editor enquanto Joaquim da Motta Capitão, boticário da Farmácia Motta, aparecia como redactor-chefe.

Duas semanas mais tarde com a entrada do redactor agrícola Santos Garcia, o jornal apresenta-se como diário independente, agrícola e de informação. Mas a vida do jornal vai transformar-se num inferno nos tempos seguintes, devido ao pendor fortemente anti-republicano de Motta Capitão que se revela, não só nos textos como na sua vida de cidadão envolvendo-se em conspirações com o novo regime.

É assim que a 22 de Outubro na sequência de uma manifestação de apoio ao regime, as instalações do "Notícias d'Évora" são atacadas, destruídas e incendiadas.

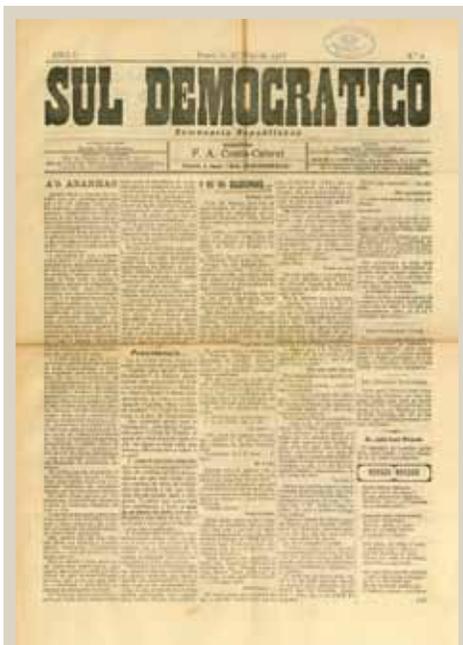
Só regressará ao convívio com os seus leitores a 21 de Fevereiro de 1915 sob o comando único de Carlos Pedrosa.

//Biblioteca Pública de Évora / DGLB / MC



Dos jornais existentes em 1910 também a "Voz Pública", que como aqui vimos foi o órgão oficial do Partido Republicano, sobreviveria nos anos posteriores ainda que sem a anterior importância, consequência da sua adesão ao Partido Evolucionista. O seu declínio acentuou-se com a saída de Estevão Pimentel e Júlio Patrocínio Martins. Em 1915 registou a entrada para editor do muito respeitado João José de Oliveira numa tentativa derradeira de recuperação, não bem sucedida.

O primeiro dos novos títulos lançados em Évora após a Revolução de 5 de Outubro foi "O Carbonário", semanário Republicano Radical como se intitulava. Tinha por director o ajudante de finanças e antigo correspondente do jornal "O Mundo" Leonel Augusto Rosado de Sousa.



//A tímida industrialização

A vontade política da não industrialização do Alentejo e por maioria de razão, de Évora, a sua maior cidade, prevaleceu sempre nos propósitos da elite financeira regional. Temiam os grandes senhores que lhes faltasse a mão-de-obra na lavoura e fugisse para a indústria onde os salários eram melhores e os trabalhos aparentemente menos duros. Acabou por ser a aplicação da máquina a vapor ao serviço da modernização dos transportes, a trazer até ao concelho, a novidade dos progressos que as novas tecnologias registavam.

Em 1863 foi inaugurado em Évora o caminho-de-ferro estabelecendo-se a ligação com Lisboa.

Acreditando nos constantes progressos da ciência e da técnica e nas possibilidades de rápida distribuição dos produtos rasgadas pela nova via, o lavrador Perdigão Queiroga, abriu nessa zona, já no ano de 1899, a primeira fábrica de moagem conhecida na cidade, “Fábrica de Moagem Perdigão Queiroga à Estação”.

No outro lado da cidade, em 1901 junto às portas de Machede lançou Romão Marquez a sua Fábrica de Cortiça.

A tímida industrialização fazia-se em torno do aproveitamento dos produtos agrícolas em que o Alentejo e a cidade eram férteis.

Por imperativos da iluminação da cidade buscavam-se agora outras formas de energia. Em 1 de Maio de 1890 tinha sido inaugurada a iluminação a gás na cidade com a fábrica colocada no Rossio de S. Brás, no local onde se situa hoje o Hotel D. Fernando.

O grande empreendimento industrial no concelho, em todo este período seria, no entanto a formação da Sociedade Alentejana de Moagem, criada em 1916, por iniciativa de um grupo de proprietários e lavradores que ergueram a conhecida Fábrica dos Leões.

//Lg. Luís de Camões

Foto de autor desconhecido



//Arquivo da Câmara Municipal de Évora

57.1924

COMPANHIA EBORENSE D' ELECTRICIDADE
SOCIETATE ANONIMA DE ELECTRICALIDADE LIMITADA

Constituída por escritura de 31 de Julho de 1900, publicada no Diário do Governo de 1.º de Agosto de 1900.

SÉDE EM EVORA



CAPITAL 15:000\$000 reis + EMISSÃO 15:000\$000
TITULO DE UMA OBRIGAÇÃO

N.º **1111**  R\$ 50\$000

Pledge este título ao Sr. Sr. D. Manoel de Sousa e Silva, Advogado

Evora 11 de Setembro de 1911

Emissão de obrigações de cinquenta mil reis ao juro de 3% com amortização anual de dez obrigações pela sorte, sendo as onze primeiras premiadas com os seguintes prémios:
1.ª de 25 000, 2.ª de 20 000, 3.ª de 15 000, 4.ª de 10 000, 5.ª de 5 000, autorizada por portaria de 25 d' Outubro publicada no Diário do Governo em 30 do mesmo mez de 1908.

Nos termos da portaria que autorizou a presente emissão se declara que os juros e coupons d' esta obrigação ficam sujeitos em qualquer hypothese ao pagamento do imposto de rendimento.

O Directores
António Augusto
...

//A Agricultura e a greve geral de 1912

No início do século XX a agricultura alentejana continuava a manter a estrutura fundiária medieval, caracterizada pelo grande latifúndio. Na imensidão da planície grassavam vastíssimos domínios cujas herdades podiam oscilar entre os 18.000 e 55.000 hectares. Cerca de 94 por cento da área do concelho de Évora era considerada como grande propriedade (acima dos 200 hectares), enquanto a média (30 a 200 hectares) abrangia 5 por cento sendo a pequena meramente residual. A esmagadora percentagem dos proprietários era absentista, ou seja residia fora das suas terras, tendo um agente intermediário de sua confiança (feitor) que actuava como seu administrador e contratava os trabalhadores.

Ora com a chegada da República foi criado um novo regime laboral, primeiro no aspecto salarial e depois reforçado com a regra do descanso semanal, o que desagradou aos patrões, muitos deles pertencentes à burguesia comercial, que pouco ou nada entendiam de agricultura, mas que avarentos e visando extrair o maior lucro possível da exploração do trabalho alheio não se mostraram dispostos a acatar as novas obrigações.

Para evitar que os assalariados se reúnam manda-se encerrar a Associação dos Trabalhadores Rurais e fechar as portas de todas as outras Associações de Classe concelhias e distritais sob a ameaça de descargas da Guarda Nacional Republicana. Os revoltosos encontram-se nos campos enquanto as forças militares e paramilitares cercam a cidade para lhes impedir o acesso. A partir deste momento todas as associações operárias da cidade e do distrito proclamam a Greve Geral a 13 de Janeiro de 1912 e cerca de 20.000 trabalhadores, de ambos os sexos e proveniências várias, dirigem-se para Évora tentando entrar na cidade o que conseguem sem grande dificuldade não obstante as barreiras e os obstáculos levantados.



//As instituições financeiras da cidade

Assim que entrou em funções o Governo Provisório da República assumiu como prioritária a tarefa de reformar o sistema monetário nacional fazendo substituir o monárquico real (plural reais ou réis) pelo escudo, de denominação mais adequada ao novo regime. Da emissão de notas e cunhagem de moedas se encarregou o Banco de Portugal cujo 5º Governador foi Inocêncio Joaquim Camacho Rodrigues, natural de Moura e deputado eleito por Évora até 1915. Antes tinha sido nomeado Director Geral da Fazenda e Ministro das Finanças sempre caucionado por José Relvas, que nutria por ele grande admiração intelectual.

Em Évora, o Banco de Portugal abriu a sua Agência no dia 24 de Setembro de 1892 no edifício da Praça de Giraldo em que ainda se mantém e estava devoluto desde que a Câmara o deixara dez anos antes para se instalar na Praça de Sertório. Na cidade já existiam, no entanto, duas entidades bancárias: o Banco Eborense e o Banco do Alentejo, ambos fundados em 1875, ainda que o primeiro tenha funcionado no ano anterior com a designação de Caixa de Crédito Eborense.

É assim, grosso modo, que surge a citada Caixa de Crédito Eborense, com sede na Praça de Sertório.

Escassos dias antes, com sede em Évora na Praça de Giraldo e filial no Porto é anunciada a criação do Banco do Alentejo.

Quando se implantou a República ambos gozavam de solidez e estabilidade. Com alguma surpresa o Banco Eborense entrou em fase de acelerado declínio tendo encerrado em 1918. Não tinha conseguido suportar a garantia de segurança que o investimento em títulos governamentais viera trazer ao mercado de capitais. Em 1920 foi incorporado no Banco Nacional Ultramarino, entidade bancária criada em 16 de Maio de 1864.

//Foto: David Freitas | Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora



//Do mundo romântico à ordem republicana

O Recenseamento Eleitoral de 1911 revelou que a população do concelho se cifrava nos 26.663 residentes. Nas quatro freguesias urbanas viviam 17.907 pessoas enquanto nas rurais habitavam as outras 8.764. A freguesia da Sé era a mais populosa com 7.542 almas. Toda esta sociedade era caracterizada por uma mentalidade feudal, conservadora, submetida a uma estratificação social praticamente asfixiante e que poucas alterações conheceu com o advento do liberalismo, o qual na prática se limitou a substituir a nobreza pela burguesia enquanto classe dominante e dominadora.

A burguesia eborense, avessa à vivência nos asfixiantes espaços domésticos, procurava encontrar no exterior espaços onde reunir, conversar, trocar ideias e debater o que se passava no Parlamento, o fórum nacional e público. Assim nascem as sociedades de recreio ligadas aos partidos formados após a Regeneração, movimento que modernizou o país e trouxe para a vida comum a filosofia do romantismo, marcado pela idealização, pela evasão, pelo sonho e pelo escapismo.

As sociedades organizavam bailes a qualquer pretexto, sessões de poesia a cargo de bardos que faziam do amor melancólico o seu único tema e no Passeio Público desfilavam vaidades masculinas e femininas. Apenas a paixão pelo teatro, que nesta cidade rebentou com grande autenticidade, e a formação de bandas filarmónicas subsistiam enquanto manifestações culturais de qualidade.

//Fundadores da SOIR Joaquim António de Aguiar | Foto cedida pela SOIR



Por trás do brilho decadente e fin de siècle das sociedades recreativas e dos clubes de lazer que faziam de Évora uma cidade apetecida, a situação social do concelho era alarmante.

Na ordenação por cidades Évora aparece mesmo num pouco lisonjeiro terceiro lugar, apenas atrás de Lisboa e do Porto, num tipo de ilícitos que abrangiam o roubo, a violência contra propriedade (fogo posto em particular), a vadiagem e a violência contra pessoas (agressões e homicídios). Mas Évora ocupava igualmente lugar de destaque a nível nacional nas estatísticas da prostituição.

Contra a corrente um grupo de operários, apaixonados pela música fundava nos finais de 1900 o Grupo Operário Joaquim António de Aguiar, afecto a Carbonária.

A reforma dos costumes foi iniciada com a tão discutida e radical Lei da Separação da Igreja e do Estado de 1911.

Para tentar por cobro à criminalidade reinante foi decisiva a formação da Guarda Nacional Republicana com competência especial para actuar nas zonas rurais onde a criminalidade atingia o seu auge.

Os patrões deixaram de ser "donos" dos seus empregados. As Associações de Classe cimentaram posições, os sindicatos foram crescendo e o recurso à greve ganhou força legal. Em Évora a greve de 1912 foi paradigmática da ascendente importância dos trabalhadores rurais que nesse ano criaram o seu sindicato com os corticeiros a seguirem-lhe as pisadas. Na cidade se realizaram igualmente os primeiros congressos nacionais de ambas as actividades enchendo as suas ruas de gente laboriosa que noutros tempos não o fazia ou se a tanto lhes chegava a necessidade caminhavam humildes e cabisbaixos, vergados à sua condição de párias da sociedade.

Alterações importantes na vida das cidades ocorreram também no campo laboral onde há muito se pugnava pela regulamentação de um horário para os trabalhadores do comércio e da indústria que consagrasse igualmente o direito ao descanso semanal obrigatório. Assim se estabeleceu o direito ao descanso semanal de 24 horas seguidas, normalmente aos domingos.

//Foto: David Freitas | Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora



//A questão Religiosa e o Património

A primeira grande ofensiva anti-clerical sistematizada no nosso país (as leis pombalinas de 1759-67 visavam apenas os jesuítas) foi desencadeada por Joaquim António de Aguiar, ministro dos Negócios Estrangeiros e da Justiça. Foi este Doutor em Leis que promulgou a lei de 30 de Maio de 1834 que considerava extintos «todos os conventos, mosteiros, colégios, hospícios e quaisquer outras casas das ordens religiosas regulares» sendo os respectivos bens expropriados e integrados na Fazenda Nacional. A medida valeu-lhe o epíteto de o Mata Frades.

Em Évora, esta decisão caiu, segundo o cônego Fernando Marques, sobre os 22 conventos, 6 colégios e 3 reformatórios existentes no concelho. Os masculinos em número de 13, foram imediatamente nacionalizados e colocados à venda em hasta pública, enquanto os femininos ficaram a agonizar à espera da morte da última religiosa. O confisco dos seus numerosos haveres (herdades e outros prédios rústicos, casas e grandes somas pecuniárias amealhadas) conveio ao reino, necessitado como estava de dinheiro para fazer face à caótica situação financeira resultante das pugnas civis que se arrastaram até 1849 e depois, para apoiar o esforço gerado em torno do movimento de reorganização e regeneração do país.

Muitos dos maiores contribuintes da cidade estiveram entre os compradores dos mosteiros enquanto uma quantidade menor, na ausência de interessados na sua aquisição, se viu destinada à instalação de serviços públicos ou acabou mesmo por ficar vazia e sem qualquer aproveitamento. Nesta diversidade de situações deu-se o inevitável, entre desvios e apropriações ilegais dos respectivos recheios. Nos estudos que dedicou ao tema, o historiógrafo Túlio Espanca apurou que só em 1836 saíram dos Conventos de Évora, para Lisboa, 443 pinturas das quais 348 eram telas e 95 em madeira.

Por essa altura já em Évora se tinha encetado a demolição dos imóveis monacais pelos quais ninguém manifestara interesse e que desocupados durante algumas décadas entraram em acelerada deterioração. Assim aconteceu com os Conventos de S. Francisco, S. Domingos, do Paraíso e de Santa Catarina. Outros foram sendo adaptados a novas funções. Não foi por isso de estranhar que na primeira lista de património classificado sobre protecção legal, publicada em meados de 1910, ainda em tempos de Monarquia Constitucional, não figurasse um só convento eborense.

Sucedeu porém que com o início do novo século o clero regular passou a estar igualmente debaixo de fogo. E Évora não ficou imune a esta nova atitude face aos eclesiásticos. O Arcebispo de Évora, D. Augusto Eduardo Nunes era o principal alvo da sanha contestatária, sendo falsamente acusado de jesuíta.

Logo que chegaram à cidade os primeiros rumores de que o novo regime havia sido implantado uma turba exaltada tendo sabido que o prelado não havia desfraldado a bandeira verde-rubra assaltou o paço com a intenção de o matar. Valeu-lhe na circunstância João José de Oliveira, o chefe local da Carbonária, que devido à sua grande ascendência no movimento revolucionário conseguiu impor-se aos manifestantes demovendo-os das suas intenções fazendo-lhes ver quão inoportuna e precipitada era tal atitude pois nem sequer a vitória estava ainda confirmada oficialmente e ademais os republicanos eborenses não queriam tomados por um bando de assassinos, mas eram, sim, gente de bem.

//D. Augusto Eduardo Nunes, Arcebispo de Évora - foi exilado da diocese entre 1912 e 1914



//A Cidade na reforma da instrução

No primeiro ano do século passado a situação da instrução era tão grave que o governo regenerador de Hintze Ribeiro decidiu promover uma profunda reforma do ensino. Preocupava os governantes a alta taxa de analfabetismo, cerca de 74 por cento, que urgia combater denodadamente. O ataque a este estado de coisas assentou na criação acelerada de escolas e no reforço e actualização das Escolas Normais, formadoras de professores, assim como na obrigação e gratuidade do ensino durante um ciclo de três anos que seria dado por concluído após a obtenção da aprovação num exame do 1.º Grau (3.ª Classe).

As crianças frequentariam assim a escola dos 7 aos 10 anos, separados por sexos e as aulas a serem ministradas por docentes do respectivo sexo. Escolas mistas, só em casos excepcionais e dirigidas por professoras. Era ainda admitido o ensino particular para o ensino e preparação dos alunos para os exames do 1.º e 2.º graus, correspondendo este último à 4.ª Classe. Praticava-se sob docência individual ou em colectividades diversas, entre as quais instituições religiosas ou ideológicas como era o caso dos Centros Republicanos.

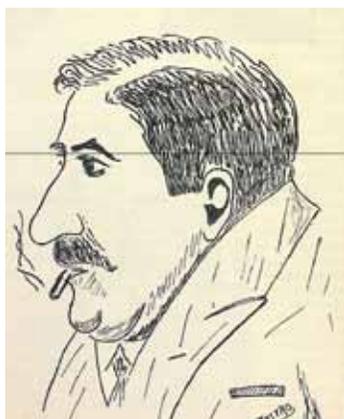
Apesar da reconhecida bondade da reforma a melhoria da situação não foi tão célere quanto se desejava. No distrito de Évora entre 1900 e 1911, o número das pessoas que sabiam ler apenas subiu de 17,7 para 19,9, num crescendo que foi máximo na sua capital e concelho e terá regredido noutros em que se verificou o incumprimento e a fuga à obrigatoriedade das crianças irem à escola. Mas também porque muitas das freguesias não tinham a sua escola primária ou então se a possuíam não havia quem para lá quisesse ir.

//Manuel Gomes Fradinho, Reitor do Liceu e Vice-Presidente republicano do município



Manuel Gomes Fradinho
Antigo aluno e antigo professor e Reitor

//António José Moleiro, reputado prof. de Liceu e requisitado mestre do ensino particular e individual



António José Moleiro
Antigo aluno e antigo professor

Na cidade existia a grande Escola Central, com três professores e uma docente, o que reflectia de algum modo a relação de frequência das escolas. Também a Casa Pia tinha escolas oficiais para os dois sexos assim como as freguesias de S. Pedro, S. Mamede, S. Antão e Sé. Similarmente a freguesia de Azaruja tinha dois estabelecimentos oficiais, um para rapazes e outro para meninas. Particulares e ideológicas eram a Escola de Ensino Livre Bartolomeu Dias, a Escola João de Deus, o Colégio do Recolhimento do Calvário e a Escola do Centro Democrático Republicano que passou a disponibilizar o ensino primário nocturno. Em todas estas se utilizava a " Cartilha Maternal", do republicano João de Deus, como base do ensino das primeiras letras e cuja primeira edição já datava de 1876.

A formação de professores para o ensino primário fazia-se na Escola Normal de Évora, criada em definitivo em 1884. O seminário local foi encerrado só reabrindo em 1917.

O ensino secundário normal fazia-se, como é óbvio, no Liceu da cidade, cuja frequência em 1911 ultrapassou pela primeira vez as duas centenas de alunos (214) enquanto o número das alunas ascendia de uma em 1908 a 26 em 1912. Foi notório o acréscimo de afluência num tipo de ensino que era dependente fundamentalmente das possibilidades económicas dos progenitores, parentes ou protectores.

As maiores novidades no campo do ensino, proporcionadas pelo programa republicano de instrução, ocorreram no sector dos cursos técnicos, muito pouco desenvolvidos até então

Para Évora o melhor desta reforma foi sem dúvida a criação da Escola Industrial da Casa Pia em 17 de Dezembro de 1914, com os seguintes cursos: elementar de Comércio, elementar de Agricultura, Carpintaria ou Marcenaria, Serralharia, Alfaiataria ou Sapataria. Instalada numa ala superior do Colégio Espírito Santo iria dar origem em 1919 à Escola e Industrial e Comercial Gabriel Pereira.

//Foto cedida pelo Arquivo Distrital de Évora



//Os cafés à conquista do espaço público

Surgidos em Inglaterra em meados do século XVII para servir os membros da nobreza, a burguesia ascendente e as pessoas instruídas, os cafés eram por excelência, espaços sociais dedicados a quem tinha por hábito tomar a bebida do mesmo nome, o chá ou o chocolate e pretendia fazê-lo num ambiente discreto, dissertando sobre a vida, a política, a poesia ou as artes. Pouco depois a sua frequência abria-se à classe média, nomeadamente aos mercadores e aos lojistas e os cafés deixavam de ser locais de carácter privado ou semi-privado para se transformarem em espaços públicos onde se trocavam ideias livremente, se aguçava o espírito crítico ou se organizavam debates do mais diversos teores.

Em Évora só já no último quartel do século, mais concretamente em 1886, apareceu o "Café Esperança", um estabelecimento que vendendo café e outras bebidas funcionava também como tertúlia política ou como local público de discussão, conversa e alguma agitação social.

Quase a findar a centúria inaugurava na Praça de Giraldo, na zona onde hoje encontra o Banco Português do Atlântico, a mítica "Brasserie" que tantas saudades deixou nos eborenses da primeira metade do século passado. Os franceses, criadores do termo, usavam-no para designar os Grandes Cafés, herdeiros dos salões de cerveja, nos quais se consumiam moluscos e ofereciam em ementa fixa, pratos da cozinha tradicional francesa, à base de carne.

//Praça do Giraldo | Foto: Autor desconhecido



A “Brasserie” eborense seguia estas normas, substituindo apenas a cozinha tradicional francesa pela portuguesa, servindo em pequenas refeições as guloseimas regionais. E ademais fabricava divinais queijadas de Évora, que também fornecia para fora, como recordam os mais antigos que ainda lhe chegaram a cruzar as portas. O estabelecimento saudou com júbilo a chegada da República e o dia da Bandeira tendo em ambas as ocasiões, ornamentado e iluminado a sua fachada e janelas.

A 7 de Outubro de 1911 franqueava portas o “Café Giraldo”, situado na praça homónima e o primeiro nascido após a implantação do novo regime, apresentava como novidade duas mesas de bilhar. Disponibilizava gratuitamente aos seus clientes jogo de damas, gamão, xadrez e dominó.

Na rua João de Deus instalara-se sem grandes alardes mas granjeando desde logo muitos adeptos o Café Restaurante “Parreira Escalabitana”. De algum aparato era o “Restaurante Chiado, que lançava «um menu variado à vontade do freguês desde os mais finos acepipes às suculentas iguarias». Existia na Rua da Porta Nova, 20 a 22 e tinha gabinetes reservados. Os de menos posses recorriam à “Estrela Africana”, casa de petiscos na Rua de Alconchel. Para finalizar a “Casa Havaneza”, de José Ernesto Didier, que vendia charutos, cachimbos, isqueiras (como na altura se dizia) e sabonetes, a par de cervejas de todos os tipos, “soda water”, groselhas e salsaparrilha.

//Foto de José António Barbosa (1890-1920) | Professor do Grupo Pró-Évora



//O despertar do desporto

Se é certo que a prática desportiva já se tinha iniciado em Évora desde o último quartel do século XIX não restam dúvidas de que a mesma só se desenvolveu e democratizou com o advento da República, período durante o qual se processou a introdução dos jogos com bola, (nomeadamente o futebol) e o atletismo, a modalidade olímpica por excelência. Antes o exercício da actividade física estava praticamente reservada à burguesia endinheirada, chamando-se aos seus cultores «distintos "sportmen"» por gastarem os seus ócios em prazerosas e galantes contendas. Corridas e provas hípicas faziam-se desde 1868 no Jockey Club Alentejano; o ciclismo estava implantado na cidade desde 1895 e o tiro a partir de 1904.

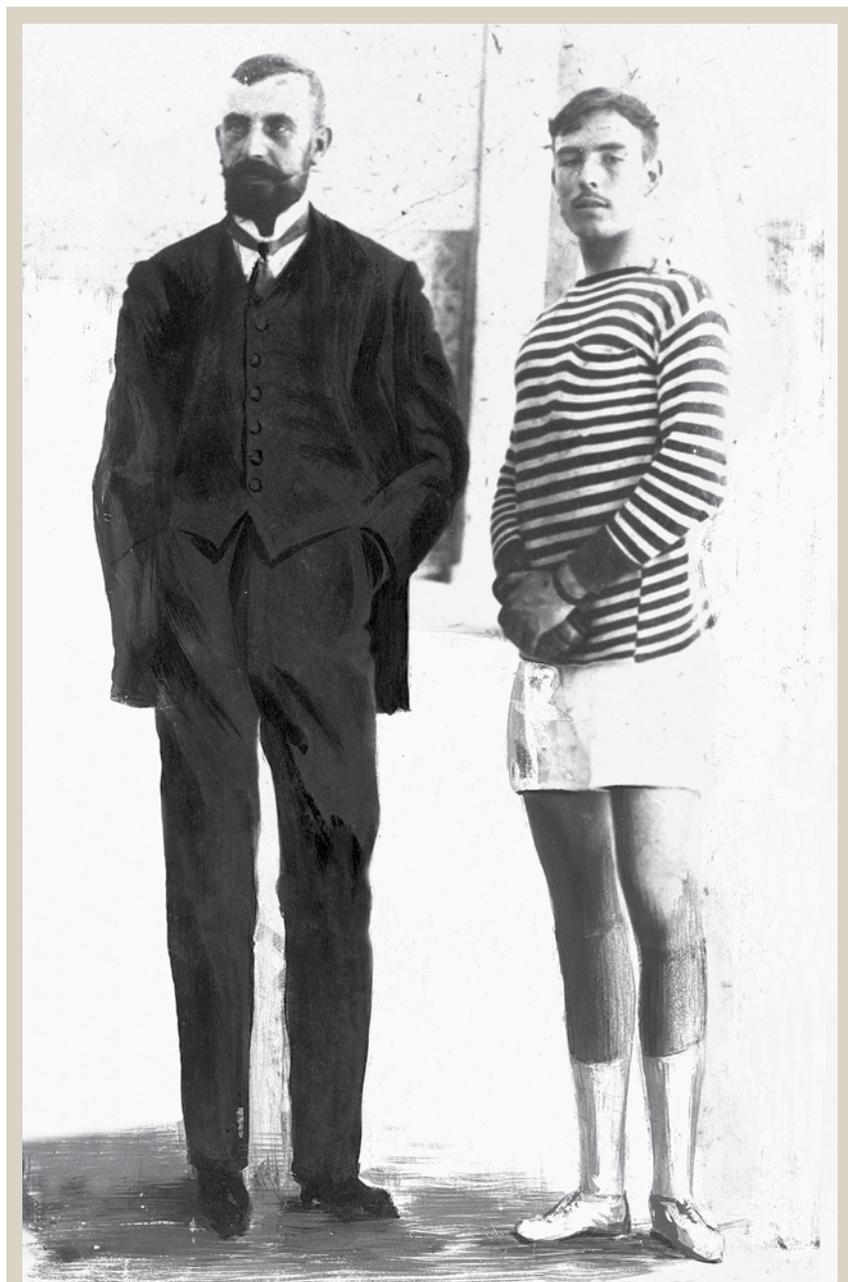
Os estudantes liceais começaram a participar em festivais e provas desportivas sob a designação de "Os Académicos" mas dentro em pouco o reitor desse tempo, o republicano Manuel Gomes Fradinho, entendeu que deveria ser criada uma estrutura própria com sede Própria. Assim nasceu em 1912 o Sport Vitória Académico, dos quais o mais brilhante foi sem dúvida Augusto Cabeça Ramos que em 1912 competindo nos campeonatos olímpicos de Portugal estabelece novo recorde nacional com pulo de 3,05 metros, proeza que viria a repetir a 12 de Junho de 1914, elevando a marca para 3,27 metros, a qual permaneceu imbatível até 1927.

Entretanto o futebol penetrara também entre os estudantes da Casa Pia. Outros grupos sociais estavam porém atentos e rendidos ao novo jogo. A partir de 1909 a Associação de Classe dos Empregados do Comércio passou a disponibilizar algumas bolas para os seus empregados se familiarizarem com as técnicas, regras e princípios elementares do futebol. Por essa altura fundava-se a primeira colectividade desportiva da cidade que recebeu o nome de Grupo Évora Sport, composto por operários gráficos de várias oficinas. Em 1910 tinha-se formado o Grupo Foot-ball Eborense e foram estas duas equipas que disputaram o primeiro jogo a sério na urbe, pelas quatro horas da tarde no dia 2 de Abril de 1911 no Rossio de S. Brás, sendo árbitro o polivalente "sportman" Augusto Cabeça Ramos.

A 11 de Novembro desse ano um grupo de estudantes e marçanos fundava o Luzitano Foot-ball Clube.

Já fora do arco temporal aqui definido assinale-se, no entanto por dever de inteira justiça, a fundação, a 5 de Dezembro de 1918, do Juventude Sport Clube.

//Manuel António do Monte, primeiro professor de educação física do Liceu, grande responsável pela introdução do atletismo em Évora, em companhia do seu discípulo Augusto Cabeça Ramos, o maior "sportman" da cidade, recordista nacional do salto à vara entre 1912 e 1927 | Foto: propriedade do Lusitano Ginásio de Évora



//Évora no lançamento do Turismo em Portugal (1911)

Évora sempre foi uma cidade procurada pelos turistas, um termo que passou a designar a partir do terceiro quartel do século XIX, todos os que tendo possibilidades de o fazer, gostavam de viajar e conhecer mais mundo que aquele que ficava à sua beira. Este rasgar de novos horizontes por razões culturais, lúdicos ou por vezes para mudar de ambiente gozando outros ares, foi indubitavelmente favorecido pela difusão do caminho-de-ferro e mais tarde do automóvel, meios de transporte que encurtaram o tempo da viagem e levaram à paulatina construção de infra-estruturas de suporte e apoio à actividade.

Em Évora contudo pensava-se e bem que os seus monumentos constituíam uma atracção que deveria ser valorizada. A propaganda da cidade ia-se fazendo com assinalável sucesso. Em 1871 o Governo Civil fizera editar um "Roteiro da Cidade de Évora e breves notícias dos seus principais monumentos" e em 1900 Caetano da Câmara Manoel publicara em edição de autor, um opúsculo designado "A Cidade de Évora" com apontamentos similares sobre o burgo e seus monumentos.

No tocante a alojamentos Évora estava bem servida. Existiam três hotéis: "Hotel Eborense", actual Solar do Monfalim, o "Hotel Chiado" e o "Hotel Central".

Uma dúzia de estalagens completava o leque dos serviços de oferta no ramo da hospedaria.

Com a instauração da República e por via da sensibilidade de Brito Camacho, ministro alentejano, Évora pode marcar presença no IV Congresso Internacional de Turismo e participar no acto fundador da primeira organização oficial de Turismo em Portugal.

//CME/DAC/Núcleo de Documentação



//A explosão do comércio e serviços

A actividade comercial em Évora revelava já alguma dinâmica na primeira década do século XX que se veio a alargar na que lhe sucedeu. Este sector e o de serviços, tinha constituído até então a imagem de marca da cidade feudal. A Regeneração modernizara entretanto o país, introduzira novos hábitos de vida e as pessoas haviam rompido com o isolamento de antanho procurando o contacto com a vida e a rua, dando-lhes cor, bulício e animação.

Essa nova relação com o exterior implicou, como é óbvio, uma mudança apreciável no atavio pessoal (quer masculino quer feminino) requerida pela frequência do espaço público.

Ora, a 10 de Janeiro de 1910 constituiu festa de arromba e acontecimento social de relevância a abertura ao público da nova agência dos "Grandes Armazéns do Chiado" situado em plena Praça de Giraldo, no prédio que faz cotovelo com a Rua da Selaria.

Noutros domínios, surge a Relojoaria e Ourivesaria Simões, fundada por Joaquim Simões, ao cimo da Rua do Paço em 1876. Deixou de existir há cerca de duas décadas o mesmo não tendo acontecido todavia com a Casa Bacharel, agora Drogeria Azul, aberta na Rua da Porta Nova em 1896 que anunciava ser a grande referência do comércio misto de ferragens, drogas, tintas, produtos químicos e farmacêuticos, óculos, lunetas e binóculos, artigos eléctricos e fotográficos e uma quantidade inesgotável de instrumentos para o lar.

Pode afirmar-se com absoluta certeza que era no sector do comércio e serviços que o Partido Republicano em Évora tinha o núcleo principal dos seus apoiantes.

MESA FEMININA
QUADRAS SOLTAS

Também há um modelo...
Mas não se esqueça...
Faz-se em todas as cores...
O seu gosto...
Para o seu quarto...
Com o seu nome...
Com o seu nome...
Com o seu nome...

COLOCOCOCO

Atenção! A edição...
A edição...
A edição...

Miscellaneous...
A edição...
A edição...

Atenção!...
A edição...
A edição...

Atenção!...
A edição...
A edição...

Atenção!...
A edição...
A edição...

A ESTRELLA AFRICANA

35-Rua Serpa Pinto-35 A
Generos alimenticios de 1.ª qualidade
Quinquilhermas e melindreas
ESPECIALIDADE EM CHIA E CAFE
O magnifico Subneto de Glycerina
ha sido escolhido pela sua superioridade e innocencia,
e em favor do melhor
Indica: para todos os usos e para todos. — Produto sem equal, de
PREÇOS MODERADOS
MANOEL ALVES LEAL

CHOCALHOS

Quem deseja adquirir de
qualidade garantida e perfeita
atualmente apresenta-se ao
preço de 100 de Janeiro. B.
Alfama e JOSE ANTONIO
DO CARMO & IRMÃO
para o efeito de abastecer, em
Nova, 18

ALGACOVAS
PROFESSORA

De invenção própria, higienica
lindas, usadas em casa das
doutoras e em casa das, em
Cruz, 10
Outro complemento de abasteci-
mento para as doutoras que
se usava de 1.ª e 2.ª grãos.

TRATAMENTO
DO
TUBERCULO, LEISIA E
DOES DO APPARATO
PELO METODO
DO

DR. VAREJO CASTILHO
1910
DR. JOAO ENRIQUE BRAYVO
VENHA PEL ENDEU DE LISBOA
ESPECIALIDADE DE TUBOS

ANTIGA CASA DO BARRILEIRO
DO
RODRIGUES & PITEIRA
R. S. João de B. 12 e 14 - 1881

É o mais importante estabelecimento
de Lisboa e é o que mais
fazendeiros tem em casa,
porém de todos os estabelecimentos

HORTA

Verduras de antigas Ter-
ral Gratas, sempre extra-
lindas de porca de Alentejo,
dignas da Realeza e do
que consta de boas casas de
Lisboa, e para a capital
e para o interior.

Para tratar, com Fato
Gomes e Moutão, Rua d'Alva
143 - Évora.

MARCANO

Preços de A. Monaco.
R. do Paço, 7 Évora.



DR. JOAO ENRIQUE BRAYVO
VENHA PEL ENDEU DE LISBOA
ESPECIALIDADE DE TUBOS

CHARRET E ARBELO

VENDE
LUIZ M. DA RESURREICAO
FABRICA CORDOEA
EVORA
S. MANÇOS

LONDON PESSON - HOTEL

CALCADA DA GLORIA 3 (PALACIO FOZ)

LISBOA

Divido em grandes apartamentos para que po-
sso egua este estabelecimento, tem-se uma fragua
commodidade de 1.ª ordem, onde encontrará
magnifico comida para o que tem comodidade habi-
tualidade e todos os generos empregados de
1.ª qualidade, optima mesa de jantar com mesas pa-
rtares, esplendidos apartamentos, com as lavatras, vesti-
tarios, banhos, cozinha e cozinha.

N.º 11 - Não confunda com o Pessoni Hotel que ha de ser
em Rua de S. João, 1.º 11



OFFICINA E RELOJOARIA
DEPOSITO DE RELOGIOS
DE J. SIMÕES - RUA DO PAÇO 67 A 71-A - EVORA
Edificio onde está installada a importante

//Caderno Didáctico

Em paralelo à exposição foi apresentado um caderno didáctico no qual foi divulgado o processo de tratamento documental efectuado no Arquivo e a história do Republicanismo em Évora.

A actividade proposta aos alunos dos Jardins-de-Infância e Escolas do 1º ciclo, intitulou-se “Évora há cem anos”.





Ficha Técnica:

PRODUÇÃO

Câmara Municipal de Évora/Arquivo Municipal
DCRE/DOMEM/DCHPC

COORDENAÇÃO E TEXTOS

José Frota

ASSISTENTE DE COORDENAÇÃO

Maria do Rosário Martins

COLABORAÇÃO

Arquivo Distrital de Évora

PROJECTO DE ARQUITECTURA

Carlos Almeida

CONSTRUÇÃO E MONTAGEM

COORDENAÇÃO

Felisberto Gomes

- CARPINTARIA

João Richau

Manuel Balixa

- PINTURA

Paulo Neves

DESIGN GRÁFICO

Maria João Raimundo

Telmo Marono

Publiplanície

FOTOGRAFIA ACTUAL

Carlos Neves

FOTOGRAFIA ANTIGA

Arquivo Fotográfico

MULTIMÉDIA

Mário Carvalho

AGRADECIMENTOS

D. Célia Malarranha

Dr. Francisco Bilou

D. Graça Percheiro

Prof. Guilhermina Calhau

Manuel Guerreiro

Dra. Maria Hermínia Colaço do Rosário

Dra. Maria do Carmo Ferreira Cartaxo

Núcleo de Documentação



CÂMARA MUNICIPAL
DE ÉVORA

Out. '10

